

Agrados em troca de proteção

MATHEUS MACHADO E
MARCELO ROCHA

DA EQUIPE DO CORREIO

Cada dia está mais difícil encontrar policiais militares em rondas ostensivas no Distrito Federal. Durante a semana, a reportagem do **Correio** percorreu ruas de Brasília, Taguatinga e Ceilândia e constatou o problema. Difícilmente são vistos PMs à pé ou em viaturas. Diante dessa realidade, a população se vê desprotegida por não ter a quem recorrer.

Alguns comerciantes chegam a “pagar” os soldados para ter uma segurança privilegiada. Prova dessa realidade está no posto de combustível Ypiranga do Setor Sudoeste. O gerente geral do estabelecimento, Luis Bezerra da Silva, disse que já perdeu as contas de quantas vezes mandou trocar o óleo e lavar a viatura dos policiais militares.

Bezerra comprou para os PMs as flanelinhas. “Se não dermos nada, corremos um risco. Ajudando, eles vão zelar pelo patrimônio. Afinal, uma mão lava a outra”, disse. O gerente explicou que além da troca de óleo, os PMs recebem lanches da loja de conveniência, café, chá e, no final do ano, o batalhão responsável pela área manda um ofício pedindo ajuda do posto para contribuir na festa de Natal. “Compramos materiais para a festa, como copos

plásticos e pratos. Sempre oferecemos algo”, contou.

Os policiais, acrescenta o trabalhador, retribuem o agrado passando horas do dia com a viatura estacionada no posto. Segundo ele, eles ficam parados cerca de 15 minutos, fazem uma ronda e voltam em seguida. A poucos metros dali, a lanchonete Giraffa's vive situação semelhante. O gerente do estabelecimento, José Augusto da Silva, explicou que “os PMs chegam

em duplas e como quem não quer nada, pedem refeições. Eles sempre passam, olham o cardápio e dizem se não dá para liberar nada já que vão permanecer até tarde na área”.

Mesmo com o “pagamento”, o gerente da lanchonete informou que já foi assaltado duas vezes este ano. Em julho, dois ladrões invadiram o comércio e levaram todo o dinheiro que havia no caixa, além das carteiras e aparelhos celulares dos clientes. “Por mais lanche que nós servimos de graça para os policiais, nada vai mudar. Eles

só vem até aqui para comer. Nunca vi um dos PMs fazendo patrulhamento depois das 21h”, disse.

Ajuda

Além de comer e trocar o óleo da viatura, alguns dos militares chegam até a jogar nas lotéricas sem pagar nada, como explica a proprietária da Lotérica 209 Sul, Sandra Cartaxo. “As vezes nós compramos uma lanche para os poli-

Jorge Cardoso



WANDERSON MESSIAS, GERENTE DE PADARIA EM TAGUATINGA: GASTO DE R\$ 5 MIL EM VIDRO BLINDADO E EQUIPAMENTOS NÃO IMPEDIU QUARTO ASSALTO EM UM MÊS

Wanderlei Pozzembom



GERENTE DE POSTO NO SUDOESTE, LUIS BEZERRA LAVA E TROCA ÓLEO DE VIATURAS DA PM: “SEMPRE OFERECEMOS ALGO”

ciais e quando eles fazem jogo, não cobramos nada”. A empresária disse que não vê problemas

em ajudar os PMs. “Se o governo não faz nada e quase não há policiais nas ruas, temos que agradá-

los para ter um pouco mais de segurança. Se o único jeito for esse vou fazer o quê?”, desabafou.

Distante dali, em Taguatinga, a tática aplicada é a mesma, mas o resultado deixa a desejar. O gerente da panificadora Sabor de Minas, Wanderson Messias, 24, também oferece lanches aos militares. “O problema é que eles quase não aparecem aqui”, conta o trabalhador. A cidade teve a segunda maior média diária de crimes do DF no primeiro semestre do ano — 53,5.

Na falta de policiamento ostensivo, Wanderson resolveu investir R\$ 5 mil em segurança. Instalou um vidro à prova de balas no caixa da padaria. Na sexta-feira da semana passada, mesmo com o aparato, ele foi vítima de mais um assalto — o quarto em um mês. “Já fui assaltado pela mesma pessoa três vezes. Onde está a polícia nessas horas?”, indigna-se.